

Transição agroflorestal e inovação territorial: uma análise comparativa entre Tomé-Açu (PA) e o Sul da Bahia

Agroforestry transitions and territorial innovation: a comparative analysis of Tomé-Açu (PA) and Southern Bahia

Jérôme Sensier

Université Paul-Valéry, Montpellier, França

GT 07 - Desenvolvimento rural, territorial e regional

Resumo: Os benefícios dos sistemas agroflorestais são amplamente reconhecidos, mas sua difusão ainda enfrenta obstáculos sistêmicos. Com base na geografia das transições sociotécnicas, o território é considerado como nível intermediário capaz de articular nichos de inovação e regimes dominantes. Realiza-se uma análise comparativa entre Tomé-Açu (PA) e o Sul da Bahia, considerados como territórios pioneiros na expansão das práticas agroflorestais no Brasil. A metodologia combina revisão bibliográfica, diagnóstico local e trabalho de campo. Os resultados mostram que a presença de atores com poder institucional e econômico foi decisiva para mobilizar recursos e estruturar cadeias produtivas. Conclui-se que a transição agroflorestal é, em parte, condicionada ao desenho de inovações socioinstitucionais em nível territorial.

Palavras-chave: Sistemas agroflorestais, transições sociotécnicas, governança territorial.

Abstract: Despite the benefits of agroforestry systems, their expansion remains limited due to systemic barriers: financial, organizational, and sociocultural. Drawing on the geography of sociotechnical transitions, territory is considered an intermediate level capable of articulating innovation niches and dominant regimes. A comparative analysis is conducted between Tomé-Açu (PA) and Southern Bahia, regarded as pioneering territories in the expansion of agroforestry practices in Brazil. The methodology combines literature review, local diagnosis, and fieldwork. The results show that the presence of actors with institutional and economic power was decisive in mobilizing resources and structuring value chains. It is concluded that agroforestry transitions depend on the construction of socio-institutional innovations at the territorial level.

Keywords: Agroforestry systems, sociotechnical transitions, territorial governance.

1. Introdução

Dado o papel sistêmico da floresta tropical para manter a estabilidade do sistema climático planetário e evitar a aproximação de um ponto de não retorno (Nobre et al., 2016), a adoção de práticas de reflorestamento produtivo em escala torna-se urgente. Os sistemas agroflorestais — ou SAFs — podem ser definidos como sistemas de uso do solo onde espécies perenes são integradas simultaneamente a cultivos e /ou animais. Embora haja um acúmulo de estudos demonstrando os benefícios socioambientais e econômicos dos SAFs em comparação aos monocultivos (Torquebiau et al., 2024), ainda não se observa uma transição agroflorestal significativa no Brasil (Ribeiro, 2022).

Dentro da temática mais ampla da transição do sistema agroalimentar, constata-se que existe um mosaico de iniciativas locais inovadoras, mas ainda há dificuldades para escalar essas experiências (Abramovay & Favareto, 2025). No caso das agroflorestas, estudos mostram que uma transição para esse modelo agrícola não pode ocorrer pela simples replicação de boas práticas. Apesar de já existirem soluções técnicas, a expansão dos SAFs enfrenta obstáculos que se retroalimentam: falta de financiamento, cadeias produtivas pouco

organizadas que não garantem acesso seguro aos mercados a preços justos, falta de assistência técnica, mecanização limitada e falta de mão de obra qualificada (Canuto, 2017).

No campo de pesquisa das *Sustainability Transitions Studies* (STS), os trabalhos de Geels propõem uma perspectiva multinível, analisando o processo de transição dos nichos de inovação — espaços de incubação das inovações radicais — para regimes sociotécnicos que sustentam as práticas dominantes pela sinergia entre mercados, indústria, ciência, política e cultura (Geels, 2002). No caso da transição agrícola, frente ao bloqueio sistêmico de mudança do regime agroindustrial atual, o território pode ser visto como um nível intermediário, permitindo escalar soluções alternativas de forma contextualizada, revelando a influência das redes de atores dentro do mesmo espaço geográfico (Lamine et al., 2019).

2. Revisão da Literatura

Dentro da perspectiva multinível, a transição acontece quando há uma convergência entre os três níveis (Geels, 2002): Os nichos de inovação, que são definidos como espaços protegidos onde emergem as inovações e passam das fases de experimentação, consolidação à institucionalização ; o regime, que representa um conjunto estável de instituições, regras e atores dominantes ; e a paisagem, que corresponde ao contexto macro e que pode ser marcado por choques climáticos, econômicos e sociais.

A abordagem das STS já recebeu várias críticas, como a insuficiente atenção ao contexto espacial (Coenen et al., 2012), ou a falta de consideração dos atores e das relações de força nas trajetórias de transição (Genus & Coles, 2008). A partir dos anos 2010, emergiu uma “geografia das transições sustentáveis”, integrando melhor as dimensões sócio-ecológicas e territoriais, saindo de um olhar demasiadamente redutível às inovações tecnológicas (Banos et al., 2024). No entanto, esse campo de pesquisa permanece concentrado em contextos urbanos e do Norte global e ainda dedica pouca atenção às áreas rurais e à transição agroecológica (Charbonneau et al., 2024). Buscamos incorporar essas reflexões mais atuais, por meio de dois estudos de caso, onde práticas agroflorestais não teriam sido exclusivamente sustentadas pelos nichos, mas também por regimes favoráveis que teriam se configurado em escala territorial.

3. Metodologia

Para os dois estudos de caso, três tipos de informações foram levantadas: os dados gerais sobre a situação agrícola ; os atores locais; e a história de formação dos territórios.

A partir deste diagnóstico, as iniciativas, atores e acontecimentos históricos que

tiveram uma importância na expansão das práticas agroflorestais foram classificados numa linha do tempo (eixo horizontal). Com base na perspectiva multinível, essas informações foram distribuídas em três níveis (eixo vertical), distinguindo o que se encontra nos nichos de inovação, nos regimes e nas paisagens sociotécnicas. A análise comparativa teve como foco identificar como a questão do poder tem um papel-chave nesse processo de transição, conduzindo para uma possível reconfiguração dos regimes no nível intermediário, a escala territorial. Este texto é uma versão resumida de um estudo de doutoramento baseado no estado da arte sobre o tema (publicações acadêmicas e relatórios disponíveis sobre os territórios), combinado com um trabalho de campo de cerca de três meses em cada local.

4. Resultados

A pesquisa revela a importância das iniciativas estarem envolvidas com atores em situação de poder no território, possibilitando acessar recursos financeiros consequentes e uma rede de parcerias com organizações públicas, privadas e internacionais.

Em Tomé-Açu, a transição agroflorestal foi impulsionada pelos agricultores descendentes de japoneses, os quais formaram uma comunidade historicamente unida e organizada, que alcançou uma posição de elite local no apogeu do ciclo da pimenta-do-reino nos anos 1950-1960. A cooperativa CAMTA (Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu) foi um ator motor da transição agroflorestal a partir dos anos 1970, legitimando e valorizando os SAFs como alternativa à monocultura. A articulação política e o capital social da cooperativa permitiu atrair organismos nacionais de pesquisa e ONGs, fomentar políticas públicas municipais, alcançar apoios financeiros internacionais e desenvolver uma agroindústria para verticalizar a cadeia produtiva e acessar mercados de nicho no Japão.

No Sul da Bahia, no final dos anos 1950, os produtores de cacau que passaram por uma crise conseguiram pressionar o Estado brasileiro com a criação da CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira). A partir de uma inovação financeira que garantiu autonomia e recursos significativos através de uma taxa sobre o valor das exportações, um ecossistema institucional com funções complementares foi desenvolvido, com departamentos de pesquisa, extensão, ensino, e infraestruturas de interesse público (estradas, pontes, porto, escolas, postos de saúde, universidade, etc.). Mesmo que a CEPLAC não tenha abertamente fomentado as práticas agroflorestais, o fortalecimento do setor cacaueiro manteve o SAF tradicional da região, a cabruca, onde o cacau é cultivado na sombra da Mata Atlântica. A crise regional do cacau dos anos 1980 resultou no desmonte da instituição. No início dos anos 2000, organizações filantrópicas passaram a atuar na região, resultando no surgimento de um

mosaico de iniciativas inovadoras voltadas à reestruturação da cadeia produtiva de cacau, como a diversificação da produção local ou a valorização e a renovação de áreas de cabruca.

5. Considerações finais

A análise comparativa evidencia que a transição agroflorestal depende de uma capacidade de articulação entre atores com poder institucional, político e econômico. Mesmo que vários desafios encontrados nessas regiões ainda existam, a presença de organizações estruturantes permitiu mobilizar recursos, coordenar iniciativas e fortalecer cadeias produtivas, favorecendo a consolidação dos sistemas agroflorestais. Este trabalho reforça a importância do território como nível intermediário de reconfiguração de regimes sociotécnicos. Enxergamos a necessidade de desenhar novos arranjos institucionais locais, baseados na coalizão de atores com funções complementares, criando contextos territoriais favoráveis para escalar as práticas agroflorestais.

Referências

- ABRAMOVAY, R.; FAVARETO, A. (Org.). *Caminhos para a transição do sistema agroalimentar: desafios para o Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2025.
- BANOS, V.; GIRARD, S.; HOUDART, M.; LOUDIYI, S. Territoires & transitions socio-écologiques: dialogue fécond, parcours inachevé ou voie sans issue? *Géocarrefour*, v. 98, n. 3–4, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/13tpm>
- CHARBONNEAU, M.; PREUX, T.; THIVET, D. Les disparités socio-spatiales des transitions agroécologiques: apports et éclairages de l'échelle régionale. *Géocarrefour - Revue de géographie de Lyon*, v. 98, n. 3–4, 2024. DOI: <https://doi.org/10.4000/13tpm>
- COENEN, L.; BENNEWORTH, P.; TRUFFER, B. Toward a spatial perspective on sustainability transitions. *Research Policy*, v. 41, n. 6, p. 968–979, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.respol.2012.02.014>
- GEELS, F. W. Technological transitions as evolutionary reconfiguration processes: a multi-level perspective and a case-study. *Research Policy*, v. 31, n. 8–9, p. 1257–1274, 2002. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0048-7333\(02\)00062-8](https://doi.org/10.1016/S0048-7333(02)00062-8)
- GENUS, A.; COLES, A.-M. Rethinking the multi-level perspective of technological transitions. *Research Policy*, v. 37, n. 9, p. 1436–1445, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.respol.2008.05.006>
- LAMINE, C.; MAGDA, D.; AMIOT, M.-J. Crossing sociological, ecological, and nutritional perspectives on agrifood systems transitions: towards a transdisciplinary territorial approach. *Sustainability*, v. 11, n. 5, p. 1284, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3390/su11051284>
- NOBRE, C. A.; SAMPAIO, G.; BORMA, L. S.; CASTILLA-RUBIO, J. C.; SILVA, J. S.; CARDOSO, M. Land-use and climate change risks in the Amazon and the need of a novel sustainable development paradigm. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 113, n. 39, p. 10759–10768, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1073/pnas.1605516113>